

GT19: Antropologia e pesquisas no continente africano: diálogos críticos contemporâneos

Gilson Rodrigues Jr, Sara Morais

A proposta deste GT é estimular debates advindos de pesquisas antropológicas em e sobre contextos etnográficos no continente africano. Os estudos realizados nas últimas décadas por pesquisadores brasileiro/as têm se caracterizado por uma variedade enorme de temas, propostas analíticas e perspectivas teórico-metodológicas e epistemológicas inovadoras. O diálogo da antropologia com a história (colonial e pós-colonial) tem se mostrado particularmente profícuo para a compreensão das complexas transformações políticas pelas quais passam as sociedades africanas contemporâneas, o que inclui as dimensões de gênero e étnico-raciais. As interfaces com outros campos disciplinares têm tornado a antropologia feita em interlocução com sujeitos africanos uma via privilegiada de apreensão das dinâmicas do/no continente. Nosso objetivo é reunir um conjunto de trabalhos preocupados em entender etnograficamente dinâmicas diversas em contextos africanos específicos e promover um debate qualificado sobre questões atuais que se impõem nesse universo de pesquisa. São bem-vindos estudos que abordem os seguintes temas: relações raciais em contextos coloniais e pós-coloniais; patrimônio cultural; festivais culturais; fluxos de pessoas e de objetos; práticas comerciais; gênero e sexualidade; sociedade civil; formação do Estado e da nação; práticas de cooperação internacional; cultura popular africana; dinâmicas familiares e de parentesco; epidemias e pandemias; conflitos armados; juventude.

Santuários e saúde. Peregrinações da Espanha ao Norte da África.

Autoria: Alejandra Martínez Gandolfi, Javier Rodríguez Mir

As populações Rif das zonas rurais de Ávila organizam uma ou duas vezes por ano viagens terapêuticas a Marrocos em busca da tão esperada baraka dos santos marroquinos para diversos fins, incluindo a cura de vários problemas de saúde. Este trabalho analisa os significados dessas viagens terapêuticas e valoriza as terapias praticadas pelas populações do Rif. Nesse sentido, o trabalho é orientado para os espaços sagrados que compõem mais uma etapa dentro dos itinerários terapêuticos. Em toda a geografia marroquina existem santuários conhecidos pelo nome de marabus que contêm uma elevada carga simbólica e terapêutica. Os peregrinos consideram a flora e a fauna dos santuários como seres sagrados. É notável, especialmente nas áreas do Rif, Médio e Atlas Sul da costa marroquina até Aayún, como eles contribuíram para a criação e preservação de uma reserva de patrimônio natural. Entre as características que uma paisagem terapêutica deve ter é que deve ter árvores centenárias ou milenares e uma árvore sagrada formando um bosque entre elas, a existência de um espelho de água em forma de nascente, poço ou rio e que o santuário seja localizado em uma colina perto de uma cidade. Quanto à cura divina da paisagem, requer o enterro de santos, líderes espirituais, políticos ou militares. As curas nesses espaços sagrados referem-se às doenças mentais, ao exorcismo dos possuídos pelos jnûn (seres espirituais do mal), ao mau-olhado, à magia e à feitiçaria. As peregrinações podem ser acompanhadas por cânticos em que o ritmo e a música permitem ao doente mental expressar a sua libertação da opressão da possessão e iniciar os transe. Nesses espaços sagrados, destaca-se o protagonismo feminino, pois cabe às mulheres diagnosticar as diversas doenças, de origem nervosa e as relacionadas à fertilidade, sexualidade e casamento. Todos estes componentes dotados de forte carga simbólica fazem parte da identidade e religiosidade riffiana, e permanecem associados a determinadas áreas geográficas que ligam o território, a religiosidade, o gênero e a saúde.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

